

OS EFEITOS COLATERAIS DA CRUZ DE CRISTO: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE A OBRA EXPIATÓRIA DE CRISTO E AS BÊNÇÃOS DERRAMADAS SOBRE OS ÍMPIOS

Daniel Leite Guanaes de Miranda¹

RESUMO

O presente artigo tem como propósito mostrar que as bênçãos derramadas sobre os ímpios tem relação com a obra expiatória de Cristo. Considerando que esse não é um assunto acerca do qual haja unanimidade entre os teólogos reformados, este trabalho almeja indicar as razões pelas quais é possível associar a graça comum à cruz de Cristo.

PALAVRAS-CHAVE

Graça comum; expiação; Cristo; bênçãos; fé reformada.

ABSTRACT

The purpose of this article is to show that the blessings granted to the ungodly are related to the work of Christ on the cross. Considering that this is not a topic in which exists unanimity among the reformed theologians, this paper aims to indicate the reasons by which it is possible associate common grace to the cross of Christ.

KEYWORDS

Common grace; atonement; blessings; reformed faith.

¹ Pastor Presbiteriano, bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Escola de Pastores e em psicologia pela UNESA; mestrando em teologia pelo CPAJ - Mackenzie e professor da Escola Teológica Reformada, no Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo averiguar se existe alguma consequência da obra expiatória de Cristo que não tenha caráter salvífico. Isto é, há algo que acontece na vida de todos os homens, eleitos ou não, que tem como base a morte substitutiva e vicária de Jesus na cruz do Calvário?

Ao checar as Sagradas Escrituras, bem como através das experiências cotidianas, percebe-se que há evidentes manifestações do favor divino na caminhada de pessoas não salvas. Muitas delas desfrutam vidas bem sucedidas em diversos aspectos, são dotadas com talentos patentes aos olhos de todos, experimentam livramentos, gozam de plena saúde, bem como outros fatores que podem ser, teologicamente, denominados como manifestações da graça de Deus.

Há, inclusive, na Bíblia, uma demonstração de aparente crise de um salmista diante da prosperidade dos ímpios.² Asafe demonstra, em um de seus salmos, sua incompreensão em face da aparente manifestação da bondade de Deus para com os arrogantes e perversos, enquanto ele, um filho de Israel, não experimentava, aparentemente, tantas bênçãos. Ademais, Jesus, em seu famoso Sermão da Montanha, advertiu os seus discípulos quanto ao fato de que deveriam amar os inimigos, visto que Deus faz nascer seu sol sobre os maus e os bons e faz vir chuva sobre os justos e injustos.³ O apóstolo Paulo, ainda, em sua primeira carta aos Coríntios, aconselha os maridos e as esposas que têm cônjuges incrédulos a, caso concordem, permanecerem com eles uma vez que a esposa sábia edifica o marido e vive-versa.⁴

Diante de textos como estes, bem como das demais percepções a que se chega quando se olha para a vida, fica notório que Deus manifesta aos homens favores que não estão relacionados com a salvação das pessoas às quais ele revela tais favores. A

² Sl 73

³ Mt 5.45

⁴ 1Co 7.14

questão é se tal manifestação da bondade de Deus guarda relação com a obra redentora de Cristo na cruz. Isto é, existe algum efeito colateral da obra salvífica de Jesus? Seriam os ímpios abençoados com dons e talentos, tendo suas vidas preservadas e desfrutando de bênçãos, ainda que não reconheçam, por conta do sacrifício vicário do Filho de Deus. Ou, como afirma Berkhof, “Como pode Deus continuar concedendo as bênçãos da criação a homens que estão sob sentença de morte e de condenação?”.⁵

A estas questões o presente trabalho se propõe responder, tendo como base textos de teólogos reformados e comentaristas bíblicos, através dos seguintes capítulos: Incrédulos e crentes abençoados pela cruz de Cristo; Bênçãos decorrentes da cruz de Cristo na vida de um incrédulo: uma análise de 1 Coríntios 7. 14 e Hebreus 6. 4-8; Razões pelas quais estes efeitos colaterais se manifestam.

1. INCRÉDULOS E CRENTES ABENÇOADOS PELA CRUZ DE CRISTO

As Sagradas Escrituras, em seu escopo, apresentam textos que mostram a indiscriminada manifestação de bênçãos sobre eleitos e réprobos. Diante desta apresentação surge necessidade de se averiguar a procedência destas bênçãos na vida dos ímpios. Seriam tais favores decorrentes da obra expiatória de Cristo em favor dos eleitos? Há, dentre os reformados, divergências de opinião sobre este assunto.

Abraham Kuyper, conforme asseverado por Berkhof, “não defende tal relação, pois, segundo ele, Cristo, como o mediador da *criação*, a luz que ilumina todo homem vindo ao mundo, é a fonte da graça comum”.⁶ Com estas palavras, Berkhof mostra que, para Kuyper, as bênçãos sobre os homens que não estão no pacto divino decorrem da criação.

⁵Berkhof, Louis. 2001. p. 403

⁶ Berkhof. Op. Cit. P.403

Martyn Lloyd-Jones, escrevendo sobre a bênção derramada sobre todos os homens, também a relaciona com a criação, entendendo que o Espírito Santo, através dos benefícios da criação, abençoa os homens indistintamente. Segundo suas próprias palavras “essa influência não é de caráter salvífico nem uma influência redentiva, e sim, é uma parte do propósito divino”.⁷

Isto, no entanto, não é suficiente para responder à questão sobre como Deus continua a conceder bênçãos a homens que estão sob sentença de morte e de condenação. Quando se trata dos eleitos, a cruz de Cristo é a resposta. Quanto aos réprobos, entretanto, de que forma tal fato se explica?

Os reformadores, em sua maioria, conforme mostrado com os exemplos já mencionados, hesitam em afirmar que Cristo, com seu sangue expiatório, mereceu estas bênçãos para os incrédulos. Wayne Grudem, ratificando a assertiva acima, diz “ela não flui diretamente da ação resgatadora de Cristo, porque para os incrédulos a morte de Cristo não representou remissão alguma”.⁸

No entanto, tais teólogos crêem que importantes benefícios naturais se acumulam para toda a raça humana, provenientes da morte de Cristo. Berkhof afirma que “Em toda transação pactual registrada nas Escrituras se vê que a aliança da graça traz, não somente bênçãos espirituais, mas também bênçãos materiais, e essas bênçãos materiais são de tal natureza que delas participam também os descrentes”.⁹

Citando Cunningham, Berkhof diz “muitas bênçãos fluem para a humanidade em geral, provindas da morte de Cristo, colateral e acidentalmente, em consequência da relação em que os homens, coletivamente considerados, vivem uns com os outros”.¹⁰

⁷ Martin Lloyd-Jones. As Grandes doutrinas da Bíblia: Deus, o Espírito Santo. p. 37.

⁸ Grudem, Op. Cit. p.550.

⁹ Berkhof, Op. Cit. p.404.

¹⁰ Cunningham, in: Berkhof, ibid. p.404. Esta posição de Cunningham, apresentada por Berkhof, será, posteriormente, trabalhada nesta pesquisa, visto ser ela crucial para se compreender a relação entre a cruz de Cristo e as bênçãos derramadas sobre os ímpios.

Ainda Berkhof, citando Charles Hodge, afirma,

É evidente que qualquer plano destinado a garantir salvação a uma parte eleita de uma raça que se propaga por geração e vive em associação, como é o caso da humanidade, não pode garantir o seu objetivo sem afetar grandemente, para melhor ou para pior, o caráter e o destino de todos os demais membros não eleitos da raça.¹¹

A.A. Hodge, filho do autor mencionado acima, comentando a Confissão de Fé de Westminster, asseverou que

Assim também o governo providencial de Deus sobre o gênero humano, em geral, está subordinado como um meio a um fim quanto à sua graciosa providência para com sua Igreja, por meio da qual ele a congrega de cada povo e nação, e faz que todas as coisas contribuam para o bem daqueles que são chamados segundo seu propósito (Rm 8.28), e naturalmente para o mais elevado desenvolvimento e glória de todo o corpo.¹²

Ademais, de acordo com as palavras de Candlish, também referenciadas por Berkhof,

Toda a história da raça humana, desde a apostasia até ao juízo final, é uma dispensação de paciência com relação aos réprobos, em que muitas bênçãos, físicas e morais, que afetam os seus caracteres e os seus destinos para sempre, acumulam-se até mesmo para os pagãos, e muito mais aos cidadãos de boa e refinada educação pertencentes às comunidades cristãs. Estas lhes advêm através da mediação de Cristo, e vindo a eles agora, só podem ter-lhes sido destinadas desde o princípio.¹³

Diante de tais argumentos, percebe-se que, para muitos autores reformados, existem efeitos colaterais da obra expiatória do Filho. E isto, conforme indicou Berkhof, pode ser percebido através de bênçãos materiais e espirituais que decorrem, ainda que indiretamente, da cruz de Cristo.

1.1.BÊNÇÃOS ESPIRITUAIS DECORRENTES DA CRUZ DE CRISTO

Alguns teólogos reformados, bem como certas porções das Escrituras, indicam algumas bênçãos consideradas espirituais na vida dos incrédulos, que decorrem da cruz

¹¹ Hodge, in: Berkhof, *ibid.* p.404.

¹² Hodge, A.A. Confissão de fé de Westminster comentada. p.144

¹³ Candlish, in: Berkhof, *ibid.* p.404.

de Cristo. Dentre tais bênçãos, a mais apresentada nas obras teológicas é o refreamento do pecado por parte de Deus na humanidade.

Os que defendem a relação existente entre a cruz e a bênção sobre os ímpios, entendem que o fato de Deus refrear o pecado na humanidade está vinculado ao propósito que Deus resolveu, através de Cristo, cumprir em sua igreja.

Waine Grudem, em sua teologia sistemática, apresenta quatro justificativas que, segundo ele, explicam o favor manifestado aos réprobos. Dentre elas, uma guarda relação com o que esta seção do trabalho defende, e é: para redimir os que serão salvos. Segundo Grudem, a redenção dos salvos faz com que Deus seja benevolente para com todos os homens. Isto, com suas palavras, ele explica da seguinte maneira:

Pedro diz que o dia do juízo e da execução final da punição está sendo adiado porque há ainda mais pessoas que serão salvas: “Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao pleno arrependimento. Virá, entretanto, como ladrão, o dia do Senhor” (2Pe 3.9-10). De fato, essa razão é verdadeira desde o começo da história humana, porque se Deus quisesse salvar qualquer pessoa fora de toda massa da humanidade pecaminosa, ele não poderia destruir todos os pecadores imediatamente (porque nesse caso não haveria raça humana restante). Ele fez o melhor, escolheu permitir que os seres humanos pecaminosos vivessem por algum tempo, para que tivessem a oportunidade de se arrepender e também porque eles produziram filhos, o que possibilitaria que as gerações posteriores vivessem, e então ouvissem o evangelho, e assim pudessem se arrepender também.¹⁴

Berkhof, também em sua sistemática, afirma que “a graça comum não efetua a salvação do pecador, embora nalgumas de suas formas esteja estritamente relacionada com a economia da redenção”.¹⁵

O pecado é um poder, um princípio que penetrou profundamente em todas as formas de vida criada... Teria, caso entregue a si mesmo, devastado e destruído tudo. Mas Deus interveio com sua graça. Pelo uso da graça comum, Deus restringe o pecado em sua ação desintegradora e destrutiva. Mas essa [espécie de graça] ainda é

¹⁴ Grudem. Op. Cit. p.554

¹⁵ Berkhof, op. cit. p.402

insuficiente. Ela subjuga, mas não muda; ela restringe, mas não domina.¹⁶

As exposições feitas por tais teólogos apontam para este cuidado de Deus para com o mundo tão somente por causa da redenção em Cristo que alguns se beneficiariam. Que outra razão, argumentam tais teólogos, haveria de se preservar homens que lutam contra Deus, senão pelo fato de que Cristo tem de cumprir seus desígnios para com sua igreja?

Além do refreamento do pecado, as Escrituras nos apresentam outras bênçãos decorrentes da cruz de Cristo. Em um dos sermões mais famosos pregados pelo Senhor Jesus, intitulado de Sermão do Monte ou Sermão da Montanha, o mestre ensinou que Deus utiliza-se de sua igreja para desacelerar o processo de apodrecimento do mundo. Isto ele fez quando afirmou que a igreja é o sal da terra e a luz do mundo.¹⁷

Com estas palavras, Jesus está a mostrar que há um povo que, por causa do sacrifício realizado na cruz do Calvário, recebeu a incumbência de impedir o apodrecimento do mundo na velocidade em que, sem a presença deste povo, o mesmo apodreceria. É a Igreja que faz com o mundo o que o sal, nos dias do mundo antigo, fazia com o alimento: conservar do apodrecimento. Ou seja, a humanidade é, de alguma forma, abençoada (ainda que indiretamente) pela morte expiatória e substitutiva de Cristo uma vez que, mediante o povo que foi objeto desta substituição, ela vê a desaceleração do processo de apodrecimento (processo natural de um mundo marcado pelo pecado).

1.2. BÊNÇÃOS MATERIAIS DECORRENTES DA CRUZ DE CRISTO

Há, ainda, outro tipo de bênção que a cruz de Cristo promove na vida do incrédulo. Quando se procura mencionar as bênçãos materiais decorrentes da cruz na

¹⁶ Hoekema. Op. Cit. p.212

¹⁷ Mt 5.13-16

vida do ímpio, dificilmente, num primeiro momento, aparecem exemplos, visto que, no senso comum, a cruz está tão somente ligada aos eleitos.

Herman Bavink, por ocasião de sua posse como diretor do Seminário Teológico da Gereformeerde Kerken na Holanda, proferiu o seguinte discurso acerca da bênção indiscriminada:

Desta graça comum procede tudo o que é bom e verdadeiro que ainda vemos no homem decaído. A luz ainda brilha nas trevas. O Espírito de Deus vive e trabalha em tudo o que foi criado. Logo, ainda permanecem no homem certos traços da imagem de Deus. Há ainda *intelecto* e *razão*; todas as espécies de dons naturais ainda estão presentes nele. O homem ainda tem uma percepção e uma impressão da divindade, uma semente da religião. A *razão* é um dom inestimável. A *filosofia* é um dom admirável de Deus. A *música* também é um dom de Deus. As *artes* e as *ciências* são boas, proveitosas e de alto valor. O *estado* foi instituído por Deus... Há ainda uma aspiração por verdades e virtudes, também pelo amor natural entre pais e filhos. *Em assuntos que dizem respeito a esta vida terrena, o homem é capaz ainda de fazer muitas coisas boas.*¹⁸

Com estas palavras de Bavink, considerando o fato de que com as bênçãos materiais destinadas aos ímpios Deus restringe, de alguma forma, a disseminação do pecado e longanimamente adia a condenação dos mesmos, percebe-se que há, ainda que indireta, uma relação de tais favores divinos com a cruz de Cristo.

Intelecto, razão, música, ciência, filosofia, artes, estado e outros assuntos que dizem respeito à vida terrena foram e são maneiras de Deus, através de sua bondade, adiar a condenação final dos ímpios e exercer, na plenitude dos tempos, a obra que garantiria aos eleitos o cumprimento do propósito de Deus para com eles. No curso da história, percebe-se que o desenvolvimento promovido em muitas áreas da sociedade, inclusive por cristãos, trouxe grandes benefícios à sociedade. Muitos homens, transformados pela graça divina, alvos diretos da obra expiatória de Cristo, foram influentes de tal maneira na sociedade, que os ímpios eram abençoados pelo convívio com os mesmos.

¹⁸ Hoekema, op. Cit. p. 212. Grifo meu

Um exemplo relativamente recente pode ser dado quando se estuda a vida de Abraham Kuyper.¹⁹ Nascido na Holanda, Kuyper ocupou exigentes posições na sociedade com extraordinário poder e vigor. Foi eleito membro da casa baixa do Parlamento holandês; fundou a Universidade Livre de Amsterdã; foi convocado pela rainha para formar um Ministério e serviu como Primeiro-Ministro.

Certa ocasião, no aniversário de sua função como editor de um jornal, Kuyper afirmou:

Um desejo tem sido a paixão predominante de minha vida... Apesar de toda oposição terrena, as santas ordenanças de Deus serão estabelecidas novamente no lar, na escola e no Estado para o bem do povo; para esculpir, por assim dizer, na consciência da nação, as ordenanças do Senhor, para que a Bíblia e a criação dêem testemunho, até a nação novamente render homenagens a Deus.²⁰

Este discurso de Kuyper mostra como sua preocupação era fazer o bem ao povo nas esferas da educação, família, governo e relações sociais, com os princípios adquiridos por ser um homem regenerado, marcou a história da Holanda de seus dias. Tal fato pode ser ratificado pela afirmação que foi feita no dia de seu septuagésimo aniversário: “A história da Holanda na igreja, no Estado, na imprensa, na escola e nas ciências dos últimos quarenta anos não pode ser escrita sem a menção de seu nome em quase todas as páginas... A biografia de Dr. Kuyper é, numa extensão considerável, a história da Holanda” .²¹

A história da trajetória de Abraham Kuyper é tão somente um dentre diversos exemplos que mostram como a humanidade é, ainda que indiretamente, abençoada por conta da obra expiatória de Cristo. Tendo sido transformado por conta do sacrifício do Cordeiro de Deus, o povo que se chama pelo seu nome é usado por seu Criador para agradecer uma humanidade rebelde e obstinada.

¹⁹ 1837 - 1920

²⁰ Kuyper, Abraham. Calvinismo. P.11

²¹ Kuyper, Abraham. Ibidem, p.10

2. ARGUMENTOS BÍBLICOS QUE RATIFICAM ESTA TESE: UMA ANÁLISE DE 1 CORÍNTIOS 7. 14 E HEBREUS 6. 4-8

Dentre os exemplos que as Escrituras nos fornecem, dois textos serão destacados neste trabalho a fim de mostrar como o ímpio, num certo sentido, é abençoado por conta da obra de Cristo.

2.1. 1 CORÍNTIOS 7.14

O primeiro texto, encontrado na primeira carta de Paulo aos Coríntios, fala sobre a possibilidade de um incrédulo ser abençoado por conta do convívio com um crente. O apóstolo, no capítulo sete,²² afirma que o marido incrédulo é santificado no convívio com a esposa e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido.

Com estas palavras Paulo está procurando orientar os crentes de Corinto a permanecerem firmes em seus casamentos, caso haja convivência do cônjuge incrédulo nesta permanência. Seu argumento mostra que o fato de uma pessoa estar debaixo do governo de Cristo faz com que ela, de alguma forma, abençoe aqueles que, mesmo incrédulos, estão entre os que com ela convivem.

“Um princípio bíblico é que as bênçãos provenientes da comunhão com Deus não se limitam aos recipientes imediatos, mas se estendem aos outros.²³ Paulo ensina que a santificação do cônjuge crente estende-se ao incrédulo”,²⁴ afirma Leon Morris.

Ademais, se a santificação do crente não abrangesse mais do que a ele próprio, os seus filhos seriam impuros. “A santidade do pai ou da mãe abrange a criança”.²⁵ Estas são extensões claramente apresentadas nas Escrituras, derivadas do convívio dos incrédulos com os santos.

²² 1Co 7.14

²³ Gn 15.18; 17.7; 18.26; 1 Rs 15.4; Is 37.4 são outros textos que mostram tal verdade.

²⁴ Morris, Leon. I Coríntios, Introdução e comentário. P.88

²⁵ Morris, Leon. Ibidem,p.88

Ainda sobre este verso destinado aos coríntios, a nota de rodapé da Bíblia de estudo NVI afirma: “O cônjuge incrédulo é influenciado pela vida consagrada do cônjuge cristão; desse modo, a família está debaixo da influência santa do crente e, neste sentido é santificada”.²⁶ “O crente dá uma qualidade de pureza ao casamento, de forma que o divórcio é indesejável”, destaca o comentário Broadman.²⁷

De que maneira, senão mediante a influência da obra redentora de Cristo na vida de um eleito, uma pessoa pode ser santificada no convívio com um cristão? Tais palavras de Paulo, bem como as demais apresentadas nas citações mostram como, além de refrear o pecado, a promoção de uma vida mais santa também é uma bênção espiritual decorrente da obra de Cristo na cruz.

Incrédulos são abençoados por santos com os quais convivem. Isto, porque tais santos estão debaixo da graça derramada sobre suas vidas por conta do sacrifício de Cristo. É exatamente por esta razão que o apóstolo, neste texto, afirma ser desnecessário o divórcio quando, mesmo sendo um casamento misto, o marido ou a esposa não forem crentes.

2.2. HEBREUS 6. 4-8

Além do texto de Coríntios, outra passagem escriturística que ratifica esta tese é o texto de Hebreus seis, dos versos quatro a oito. Nestes versos o autor de Hebreus ameaça com a mais severa vingança divina todos os que desprezam a graça que uma vez receberam. Os apóstatas são, aqui, identificados pelo autor como homens aos quais novo arrependimento é impossível.

Calvino, em seu comentário da Carta aos Hebreus, afirma que “a pessoa apóstata é alguém que renuncia a Palavra de Deus, que extingue sua luz, que se nega a provar o

²⁶ Bíblia de Estudo NVI, p. 1962.

²⁷ Allen, Clifton. Ed. Comentário Bíblico Broadman. Vol 10. Ed. Juerp, p. 387

dom celestial e que desiste de participar do Espírito”.²⁸ De acordo com o texto, eles se fizeram estranhos ao Evangelho de Cristo, o qual previamente abraçaram.

Uma pergunta, no entanto, costuma ser feita diante do argumento supramencionado, e que é fundamental para se entender a bênção experimentada pelos réprobos, decorrente do sacrifício de Cristo: Como é possível apostatar alguém que alcançou as atitudes mencionadas pelo autor da epístola nestes versos? Como pode uma pessoa não regenerada provar o dom celestial, a boa Palavra, os poderes do mundo vindouro e participarem do Espírito Santo?

O reformador de Genebra afirma:

Na verdade, o Senhor chama eficazmente só os eleitos, e Paulo testifica que os que são guiados pelo Espírito de Deus são verdadeiramente seus filhos, e nos ensina que é um seguro penhor da adoção quando Cristo torna alguém participante de seu Espírito... Deus confere seu Espírito de regeneração somente aos eleitos... Em tudo isso, porém, não vejo razão por que Deus não toque os réprobos com o sabor de sua graça, ou não ilumine suas mentes com algumas chispas de sua luz, ou não os afete com algum senso de sua benevolência, ou em alguma medida não grave sua Palavra em seus corações... Portanto, há no réprobo certo conhecimento, o qual mais tarde se desvanece, seja porque ele estende suas raízes com menos profundidade do que se espera, ou porque, ao crescer, é sufocada e murcha.²⁹

Com estas palavras, Calvino mostra como Cristo, no cumprimento dos seus desígnios, permite que pessoas não regeneradas desfrutem da graça advinda de sua morte expiatória. Alguns homens, crentes portadores de uma fé espúria, receberam, juntamente com os crentes genuínos, manifestações do favor oriundo da cruz de Cristo.

O autor de Hebreus é claro ao afirmar que está falando de homens aos quais não será possível mais o arrependimento, visto que isso seria uma nova crucificação de Cristo e uma exposição à ignomínia. Não obstante a isso, ele não deixa de destacar que

²⁸ Calvino, João. Hebreus. Ed. Paracletos. P.151.

²⁹ Calvino, João. Ibidem, pp. 153,154.

tais homens experimentaram, em alguma medida, bênçãos destinadas àqueles que foram objeto da substitutiva morte do Cordeiro de Deus.

É fundamental destacar que tais textos estão falando sobre um tipo de bênção que está associada à cruz de Cristo. Tal afirmação se faz necessária pelo fato de que há bênçãos experimentadas pelos ímpios que não guardam relação com a morte de Jesus. Todos os que ouvem a Palavra estão debaixo do pacto divino, de alguma forma. Uns, os eleitos, desfrutam deste pacto internamente. São objetos diretos das bênçãos deste pacto. As conquistas de Jesus na cruz do calvário têm como destino primário aqueles que substitutivamente receberam vida pela sua morte e ressurreição.

Há ainda aqueles que estão indiretamente debaixo do pacto divino. Estes são os que ouvem a palavra, mas estão para além dos limites deste pacto. Não fazem parte do povo da aliança; não tiveram direito às conquistas de Jesus, visto que não foram, por ele, substituídos.

Entretanto, tais homens experimentam indiretamente as bênçãos destinadas aos do pacto. Eles vivem coletivamente com cristãos. Muitos freqüentam comunidades cristãs, ouvem a Palavra, participam de celebrações de comunhão e presenciam a manifestação da bondade de Deus. São, desta forma, alvos, colateralmente, das bênçãos decorrentes da cruz de Cristo.

Quando os autores bíblicos, portanto, mostram que alguma bênção é derivada do contato do ímpio com um crente, inegavelmente tal bênção decorre, ainda que indiretamente, da obra expiatória de Cristo. É tão somente porque o crente experimentou uma transformação em sua vida que ele está habilitado a, em seu convívio com os incrédulos, abençoá-los. E se esta é uma bênção apontada nas Escrituras sempre onde há presença de cristãos (como é o caso dos dois textos analisados), pode-se

concluir que a razão de tal bênção ser manifestada está em algo que os crentes têm, diferente dos incrédulos. Isto é, algo decorrente da obra de Cristo em suas vidas.

3. RAZÕES PELAS QUAIS ESTES EFEITOS COLATERAIS SE MANIFESTAM

Diante dos textos acima mencionados, bem como dos argumentos apresentados ao longo do trabalho, chega-se à conclusão que há efeitos colaterais da obra de Cristo Jesus. Não obstante a isto, é, também, fundamental explicar as razões pelas quais estes efeitos se manifestam.

Louis Berkhof, em sua teologia sistemática, procura explicar a existência de tais efeitos, através das seguintes palavras:

Se Cristo devia salvar uma raça eleita, paulatinamente chamada do mundo da humanidade no transcurso dos séculos, era necessário que Deus exercesse paciência, detivesse o curso do mal, promovesse o desenvolvimento das faculdades naturais do homem, mantivesse vivo nos corações dos homens o desejo de manter a justiça civil, a moralidade exterior e a boa ordem na sociedade, e derramasse incontáveis bênçãos sobre a humanidade em geral.³⁰

Além dele, A.A. Hodge asseverou que,

A história da redenção, através de todas as dispensações – patriarcal, abraâmica, mosaica e cristã -, é a chave para a filosofia da história humana em geral. A raça é preservada, os continentes e ilhas são estabelecidos com habitantes, as nações são elevadas a impérios, a filosofia e as artes práticas, a civilização e a liberdade progredem para que a Igreja, a esposa do Cordeiro, seja aperfeiçoada em todos os seus membros e adornada para seu Esposo.³¹

Hoekema, sobre o mesmo assunto, diz:

A doutrina da graça comum também nos ajuda a explicar a possibilidade da civilização e cultura nesta terra a despeito da condição decaída do homem... Se Deus não refreasse o pecado no mundo irremediado, a terra seria igual ao inferno. Mas por causa da graça comum e por causa do refreamento do pecado efetuado por essa graça, são possíveis a civilização e a cultura.³²

³⁰ Berkhof, op. Cit. p.404

³¹ Hodge, op. Cit. p.144.

³² Hoekema. Op Cit. p.222

Tanto as palavras de Berkhof quanto as de Hodge e Hoekema apontam para o fato de que, por causa de Cristo e de seu propósito para com sua Igreja, os incrédulos são, de alguma forma, abençoados. Tendo em vista o fato de que os que estão destinados à perdição, antes da fundação do mundo já estavam, nada havia que impedisse que, no momento da queda, Adão e os não eleitos experimentassem a cabal condenação eterna.

Em seus desígnios, Deus poderia deixar que o curso da história acontecesse de forma que os réprobos vivessem sem experimentar nenhum tipo de favor divino. Poderia ter decidido que os eleitos viveriam desfrutando das bênçãos celestes e os ímpios, por terem optado deliberadamente pela morte, nada experimentariam, senão as parciais manifestações da ira divina.

Deus, no entanto, em seus sábios conselhos, resolveu preservar e abençoar toda a humanidade, inclusive os que lutam contra Ele, a fim de que o propósito da redenção em seu Amado Filho se cumprisse. E, ainda depois da morte e ressurreição de Cristo, por amor aos eleitos que hão de vir, Deus tem permitido que o pecado seja refreado; fazendo isto, também, através das bênçãos materiais oriundas da limitada expiação feita pelo seu Amado Filho.

4. CONCLUSÃO

Diante de tais exposições, fica patente a existência da relação entre a obra de Cristo na cruz do calvário e algumas bênçãos derramadas sobre os ímpios. Não são eles abençoados apenas com as bênçãos relacionadas à criação e preservação do universo por parte do Deus contra quem eles se rebelam. Não são, os mesmos, abençoados tão

somente porque Deus faz “nascem o seu sol sobre os maus e bons e vir chuvas sobre os justos e injustos”.³³

Muitos deles experimentam as bênçãos destinadas aos homens pertencentes ao povo da aliança, à comunidade dos remidos. Muitos foram iluminados, provaram o dom celestial e se tornaram participantes do Espírito Santo. Contudo, eram réprobos. Homens que, experimentando novo arrependimento estariam crucificando novamente o Filho de Deus. São, estes, homens que, por estarem em contato com santos, são santificados. Por caminharem na comunidade da aliança, ainda que não pertençam a ela, são abençoados.

Deus, em seus soberanos desígnios, achou por bem, para cumprir seus propósitos para com os eleitos, abençoar ímpios, inclusive com bênçãos decorrentes da morte de seu Filho. Por tal razão, é necessário concluir que há efeitos colaterais, manifestados na vida de muitos réprobos, que têm como origem a obra expiatória de Jesus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo. Cultura Cristã. 2004.
- CALVINO, João. **Institutas**. São Paulo. Casa Editora Presbiteriana, 1985.
- CALVINO, João. **Hebreus**. São Paulo: Paracletos, 1997
- GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Edições Vida Nova. 2002.
- HENRY, Mathew; CLARKE, Adam; JAMIESON; FAUSSETT; BROWN. **The Bethany parallel commentary of the New Testament**. Minneapolis: Bethany House Publishers. 1983.
- HODGE, Alexander A. **Confissão de fé de Westminster comentada por A.A.Hodge**. São Paulo. Os Puritanos. 1999.
- HOEKEMA, Anthony. **Criados à Imagem de Deus**. São Paulo. Cultura Cristã. 1999.

³³ Mt 5.45

KEY, Steven R.. **The Cannons and Common Grace**. Protestant Reformed Theological Journal. Vol XXXVII Number 2. Grandville, Protestant Reformed Theological Seminary, 2004.

KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. São Paulo: Cultura Cristã. 2004.

LLOYD-JONES, Martin. **As Grandes doutrinas da Bíblia: Deus, o Espírito Santo**. São Paulo. PES.1998.

LLOYD-JONES, Martin. **Estudos no sermão do Monte**. São Paulo: Fiel. 1984

MORRIS, Leon. **I Coríntios**: Introdução e comentário. São Paulo, Vida Nova. 1992.

VAN TIL, Cornelius. **Common Grace**. Philadelphia: The Presbyterian and Reformed Publishing Company. 1947.